

Edição v.35
número 1 / 2016

Contracampo e-ISSN 2238-2577
Niterói (RJ), v. 35, n. 1
abr/2016-jul/2016

A Revista Contracampo é uma revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense e tem como objetivo contribuir para a reflexão crítica em torno do campo midiático, atuando como espaço de circulação da pesquisa e do pensamento acadêmico.

LEMBRAR PARA ESQUECER: DIÁRIOS E MEMÓRIAS DO HOLOCAUSTO¹

REMEMBERING TO FORGET: DIARIES AND MEMORIES OF THE HOLOCAUST¹

BARBARA HELLER

Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP) e doutora em Teoria Literária pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). É pós-doutorada em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) e pela Escola de Comunicação e Artes da USP (ECA-USP). Docente e vice-coordenadora do Programa de Mestrado e Doutorado em Comunicação da Universidade Paulista (UNIP). Brasil. b.heller@terra.com.br

PRISCILA F. PERAZZO

Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Docente e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS). Coordenadora do Laboratório Hipermídias da USCS. Líder do Núcleo Memórias do ABC. Brasil. prisperazzo2@gmail.com

AO CITAR ESTE ARTIGO, UTILIZE A SEGUINTE REFERÊNCIA:

HELLER, Barbara; PERAZZO, Priscila. Lembrar para esquecer: diários e memórias do Holocausto. *Contracampo*, Niterói, v. 35, n. 01, pp. 106-124, abr./jul., 2016.

Enviado em 11 de novembro de 2015. / Aceito em 17 de fevereiro de 2016.

DOI - <http://dx.doi.org/10.20505/contracampo.v35i1.900>

Versão modificada do artigo apresentado no 24º Encontro Nacional Compós, Brasília, no GT "Memórias nas mídias", em junho de 2015.

Resumo

O holocausto ainda é um tema que reverbera e é apropriado pela e na mídia. O diário de Helga (2013) e As meninas do quarto 28 (2014), publicados no Brasil, são dois exemplos. Os paratextos "Nota do Organizador", "Entrevista com Helga Weiss"; "Prefácio" e "Prólogo", respectivamente, tratam das maneiras pelas quais os relatos orais e os manuscritos, localizados após o término da Segunda Guerra Mundial, expressam a memória das sobreviventes e a maneira pela qual foram organizados. Analisados em maior profundidade que o restante das obras e com o suporte dos estudiosos da memória, concluímos que a intervenção direta desses interlocutores, que cumpriram o papel de mediadores entre autores, obra e leitores, reagrupou lembranças individuais, modulou recepções e alimentou a indústria editorial brasileira.

Palavras-chave

Memória, Literatura, Holocausto, Diário, Paratexto

Abstract

Holocaust is still reverberating and being appropriated by and in the media. Helga's Diary (2013) and The Girls of Room 28 (2014), published in Brazil, are two examples. The paratexts "Note of the Organizer", "Interview with Helga Weiss"; "Preface" and "Prologue", respectively, address the ways in which oral reports and manuscripts, located after the end of the Second World War, express the memory of the survivors and the ways they were organized. Better analyzed than the rest of the books, and supported by memory's scholars, we came to the conclusion that the interlocutors, were the mediators among authors, works and readers, rallied individual memories, modulated receptions and improved Brazilian's publishing industry.

Key-words

Memory, Literature, Holocaust, Diary, Paratext.

Introdução

Diário é um gênero textual caracterizado por ter, na origem, os próprios autores como seus únicos leitores e, nos cadernos ou papéis avulsos, seus suportes. Despretensiosos no início, autores de diários podem ser entendidos como os “novos sujeitos” de Michel de Certeau, ou seja, pessoas “normais”, que agem em proveito próprio e em cujas ações podemos reconhecer “um princípio de afirmação de identidade [...], que podem fazer da necessidade virtude, que modificam sem espalhafato e com astúcia suas condições de vida [...]” (*apud* Sarlo, 2007, p.16).

De forma imediata, os diários podem ser entendidos como textos que não precisam ser lidos. No entanto, isso parece ser uma compreensão precipitada da escritura de um diário, pois nele há uma perspectiva comunicacional, uma vez que seu autor se preocupou em fazer um registro de suas lembranças ou de suas experiências, acreditando que podem ser únicas e singulares, mesmo que não sejam (ALVES, 2007, p. 18). São histórias contadas e reguladas por uma lógica narrativa que só vão surtir interesse se o leitor reconhecer, nelas, qualidades humanas.

Transformados pelas mediações dos organizadores, tradutores, editores ou pesquisadores, os diários deixaram de ser publicações espelhadas dos originais, outrora manuscritos ou datilografados por seus autores. Encarados como um filão lucrativo da indústria editorial, transformaram-se em novos produtos, com capas atraentes, novas subdivisões internas, outras diagramações, notas explicativas, comentários especializados na quarta capa, reedições.

Exemplo de diário que se torna sofisticado produto editorial são as duas obras de Lima Barreto: *Diário de um Hospício* e *O Cemitério dos Vivos*, reunidos num único volume, lançado em 2010 pela Cosac Naify. Dorigatti (2010), em sua resenha sobre esse lançamento, chama a atenção dos leitores para a atuação dos organizadores, uma vez que foram

[...] os responsáveis pelas elucidativas notas de rodapé, [que] pela primeira vez contextualizam quem eram os médicos, corrigem falhas de edições anteriores e sugerem interpretações a passagens de Lima Barreto até então não aventadas por outros estudiosos. Além disso, o volume conta com fotos de época, um ensaio de Alfredo Bosi como prefácio e a reunião, ao final, de contos e crônicas do próprio Lima sobre o assunto, e de outros escritores, como Machado de Assis, Raul Pompéia e Olavo Bilac, como que a demonstrar a importância que o tema da loucura, ou melhor, do encarceramento dos considerados loucos, teve no período de meados do século XIX até o início do século XX [...]. (DORIGATTI, 2010, p. s/n)

Vê-se, nesse caso, a interferência de professores especialistas em literatura brasileira da Universidade de São Paulo (USP), que corrigiram falhas, explicaram passagens e tornaram a obra de Lima Barreto ainda mais canônica, uma vez que agregaram contos e crônicas de outros autores consagrados. O diário, enquanto gênero, parece diluir-se no restante da obra, pois não foi valorizado enquanto narrativa ou enquanto representação de uma verdade.

Diante dessas perspectivas, resolveu-se olhar mais atentamente para duas histórias do holocausto ocorridas durante a Segunda Guerra Mundial, uma escrita em forma de diário e a outra com base em diários e memórias das pessoas. Assim, *O Diário de Helga*, de Helga Weiss (2013), e *As meninas do quarto 28*, de Hannelore Brenner (2014), recém-publicados no Brasil, são mais dois exemplos de diários que podem ser estudados como produtos editoriais de interesse sobre essas questões. Suas histórias giram em torno da memória de suas protagonistas e mostram que a vida, com seus sobressaltos, desejos, sonhos, frustrações, medos e lutas, nunca é banal. Ou, como bem escreve um crítico de cinema: “Não existem vidas pequenas. Existem vidas mal contadas” (ORICCHIO, 2014, p. C-12).

Essas duas produções editoriais relatam eventos-limite,¹ nos quais a memória é ativada para que as experiências do passado não sejam esquecidas. A primeira é o diário completo de uma sobrevivente de campos de concentração e extermínio na atual República Tcheca e na Polônia, acrescido de uma entrevista ao tradutor para a língua inglesa. A segunda recupera, por meio de depoimentos, entrevistas e diários, as histórias de oito sobreviventes de Terezín,² também na República Tcheca, entre os anos 1942-1944.

Esses diários podem ser considerados histórias contadas e reguladas pela lógica narrativa que provoca o interesse do leitor quando ele reconhece experiências e qualidades humanas ali relatadas. Embora produzidos sem a pretensão de se tornarem fontes documentais, permitem aos estudiosos analisar os eventos que suas autoras testemunharam sob o regime autoritário nazista, quando milhões de pessoas, dos mais variados credos religiosos e etnias, foram levados para campos de concentração e de extermínio.

Helga Weiss e as “meninas” foram transportadas, sumariamente, de suas casas paternas ao campo de concentração de Terezin, entre 1941 e 1945. De lá, alguns milhares de internados foram deslocados de trem para Auschwitz, campo de extermínio, onde morreram nas câmeras de gás.

Tais atentados contra a humanidade têm sido constantemente

1 “Eventos-limite” é um termo utilizado por Márcio Seligmann-Silva (2003, p.65), para designar genocídios do século XX, como o dos armênios, dos judeus, dos tutsis ou de eventos como ditaduras e suas práticas de repressão através da tortura e do desaparecimento.

2 Terezin é a abreviatura “oficial” de Teresienstadt, usada no artigo de agora em diante, para facilitar a leitura.

retomados pela e na mídia. O fim da Segunda Guerra e a constatação desse holocausto, propriamente dito, completou, em 2015, 70 anos, mas suas reverberações e apropriações ocorrem todo o tempo, não apenas em datas comemorativas. Anualmente são lançados filmes com temáticas relacionadas a esse evento. *Sites* de todas as características proliferam a cada dia na internet sobre tais questões. Jornais sempre encontram algo para noticiar. Livros sobre o tema vêm sendo publicados, desde a historiografia, até a literatura e a ficção.

Contudo, não importa o alarde de comentários midiáticos que podemos encontrar sobre as obras propriamente ditas, o que é possível identificar nelas são as maneiras pelas quais a história do holocausto, veiculada nas diferentes mídias, é incorporada, significada ou ressignificada pela memória, e como obras editoriais participam desse movimento da comunicação de histórias de vida, permeadas de senso comum, histórias oficiais, histórias pessoais e, principalmente, de sentidos diferentes sobre a própria história.

Histórias sobre o holocausto ensinam que é impossível separar radicalmente os campos da história e da memória. Segundo Seligmann-Silva (2003, p.69), graças a elas, desencadeou-se um processo de revisão crítica dos dogmas centrais da historiografia positivista advindos do século XIX, processo esse que já havia sido iniciado com as obras de eminentes autores, tais como Nietzsche, Bergson, Proust, Joyce, Maurice Halbwachs e Walter Benjamin.

Assim, revisitamos duas obras publicadas como livros de memória, baseadas em diários, para refletirmos sobre como as memórias podem ser contadas nas mídias, visto que o mercado editorial interessa-se em trazer ao público a história em forma de literatura, a biografia em forma de memória. Perguntamo-nos, então: quais elementos da memória estão sendo acionados na produção e edição dessas duas obras? Como se deu a construção da memória nos livros *O Diário de Helga* e *As Meninas do Quarto 28*? Há algo novo ou diferente nessa produção midiática?

Ambos os livros participam do mercado editorial voltado ao tema do holocausto, que incomoda e incomodará sempre muitas gerações, tanto das vítimas, como dos algozes. Traduzidos para o português nos anos de 2013 e 2014 são recentes e tratam dos próprios relatos de história de vida das personagens, protagonistas e narradoras.

Trata-se de um artigo centrado na memória, no conflito entre “lembrar de esquecer” e “não esquecer de lembrar”, sobre o papel da memória e sua expressão em livros representativos de uma temática importante no mercado editorial brasileiro.

Tal reflexão se justifica uma vez que, diante da proliferação de produtos de memória no mercado de bens simbólicos e no mercado cultural mundial, podemos compreender as formas, os meios e os sentidos da memória nas mídias, a fim de refletirmos sobre o papel mediador da comunicação na cultura, na memória e na vida das pessoas.

Entende-se que há uma característica comunicativa na memória, pois essa se expressa devido ao seu caráter organizativo e narrativo. Diante dessa possibilidade, o processo de construção desses dois livros, por si só, já se constitui como objeto da comunicação, visto que o exercício da lembrança e as possibilidades de construção e reconstrução do vivido dessas mulheres, protagonistas, narradoras e autoras, implica num processo comunicativo de organização e narração da memória. Somando-se a isso, os livros publicados representam o suporte da memória nas mídias e tornaram-se, eles mesmos, objetos de investigação, inaugurando uma área de conhecimento com identidade acadêmica e nome distinto: história dos livros. Para Robert Darnton, a história dos livros

poderia ser até chamada de história social e cultural da comunicação se essa definição não fosse tão extensa, pois sua finalidade é compreender como as ideias foram transmitidas sob forma impressa e como a exposição à palavra impressa afetou o pensamento e a conduta da humanidade nos últimos quinhentos anos (DARNTON, 2010, p. 190).

O caminho traçado para alcançar nosso objetivo seguiu a proposta sugerida por esse pesquisador: analisar os livros como produtos midiáticos e, principalmente, os textos dos prefácios e prólogos de ambos os livros, bem como da entrevista que o editor de *O Diário de Helga* publica ao final com Helga Weiss, a autora do diário original e, também, do livro. Publicações como essas tiveram uma intenção bastante clara: a de registrar, junto às histórias contadas, o processo de confecção da obra, que se inicia com a constituição das lembranças das protagonistas, que se transformam, ao longo da realização do trabalho, em narradoras da história que contam com a mediação de editores no processo de transformação da memória em um produto da mídia.

A memória, para operar a favor da felicidade e da saúde humana, é incapaz de registrar todos os acontecimentos; naturalmente seletiva, não permite relatar uma vida inteira, mas apenas “a vida lembrada por quem a viveu” (BENJAMIN, 1994, p. 37).

A memória pode ser recuperada por diversos suportes: por depoimentos orais (tanto espontâneos, quanto por entrevistas estruturadas), por organização de documentos, por coleta de imagens, etc. E, também,

pela escrita. Assim como os demais meios, esta também não é linear, uma vez que é tecida e destecida como o trabalho de Penélope, “que tece para supostamente se esquecer e destrói posteriormente o que foi tecido para preservar na memória Ulisses” (PEREIRA, 2007, p.198).

Ainda assim, como nos adverte Jacques Le Goff (2003, p. 419), “o conceito de memória é crucial”. Para o autor, a memória é uma propriedade humana capaz de conservar certas informações. Por isso, antes de tudo, a memória nos remete a funções psíquicas “graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 2003, p. 419). O processo da memória no ser humano lhe permite ordenar vestígios e fazer a releitura deles. A memória nada mais é que o resultado de sistemas dinâmicos de organização que existem somente se organizados e reorganizados (LE GOFF, 2003, p. 420-421). As maneiras para ordenar esses vestígios são encontradas no comportamento narrativo, “que se caracteriza antes de mais nada pela sua *função social*, pois se trata de comunicação a outrem de uma informação, na ausência do acontecimento ou do objeto que constitui o seu motivo” (LE GOFF, 2003, p. 421).

O Diário de Helga

Em *O Diário de Helga*, salienta-se a questão autobiográfica, uma vez que se trata do próprio diário da menina Helga, escrito à época, escondido no muro de um dos barracões do campo de Terezin, localizado posteriormente à guerra. Terezin deixou marcas indeléveis na história e na memória. Ecléa Bosi tem razão: “O campo de Terezin (assim chamado pelos que nele viveram) não existiu para ser esquecido” (2003, p. 84).

Após a transformação em gueto e, posteriormente, em campo de concentração (de 1941 a 1945), Terezin comportou aproximadamente 140 mil pessoas, a maior parte de origem judaica, embora houvesse também minorias cristãs, católicos e protestantes. De lá, muitos deportados partiram nos comboios para o Leste, isto é, para o campo de extermínio de Auschwitz.

Cerca de 11 mil crianças viveram em Terezin, algumas com suas famílias, outras já órfãs. Eram separadas em alojamentos, conforme a idade e o idioma que falavam. Esse foi o caso do abrigo L410 para meninas. Permaneciam ali até completarem 14 anos para, depois, serem deportadas. Isso perdurou até outubro de 1944, quando a maioria das crianças do gueto foi levada aos trens que seguiram em direção ao Leste. Muitas escreveram diários e desenhavam neles seu cotidiano, representando os lares e familiares perdidos, seus sonhos, anseios ou medos.

Escrito na primeira pessoa e publicado como obra literária, a versão

original desse diário sofreu a intervenção do organizador do texto e do tradutor. Esses parecem ser os mediadores entre essa memória e o público leitor, pois o livro não é mais uma cópia fiel do diário escrito em 1942. Ele é um produto construído hoje, no século XXI, pela mídia editorial, reunindo no mesmo projeto autor, tradutor e história.

Os diários originais, escritos durante os anos em que Helga testemunhou a chegada dos nazistas em Praga, sua cidade natal, e depois durante o período em que esteve presa em diversos campos, consistiam em dois cadernos grampeados e um maço de papéis soltos. No entanto, como explica textualmente Neil Bermer, na "Nota do Organizador" que abre o livro, Helga voltou a trabalhar neles, por muitas décadas, ora reescrevendo, ora enxertando trechos, ora alterando a linguagem, para torná-la menos infantil.

Trata-se de um produto, que para se tornar atraente e comercial, sofreu a intervenção não só da própria autora, como também do organizador, que também é seu tradutor. Ele reconhece que "embora a presente edição apresente as anotações de Helga na forma de um diário cotidiano, conforme a sua vontade, a composição original da obra é mais diversificada" (BERMEL, 2013, p. 9). A própria autora também comenta, em seu Prefácio, datado de 2012, que:

É comum que intervenções editoriais mudem completamente o sentido, distorcendo ou falseando fatos reais. Receio que, com as mudanças, a autenticidade e a força da narrativa se percam. Que os leitores tratem este diário de forma tolerante e o aceitem pelo que ele é (WEISS, 2013, p. 24).

Se Helga reconhece que o sentido do seu texto pode ter sido alterado, então não se pode entender que seu diário funcione como um documento de autor único, nem como a expressão de uma verdade, apesar de seu comentário:

Com a idade, a pessoa retorna cada vez mais ao passado. Para minha surpresa, descobro agora que jamais o deixei. [...]. Ainda assim [o diário] é um retrato fiel do tempo em que minha geração viveu, cresceu e morreu (WEISS, 2013, p.23).

Essa aparente incoerência mostra a natureza de obras que se pretendem biográficas ou memorialistas, retrabalhadas ao longo do tempo não para atualizar o passado, mas para se conformar aos protocolos de leitura, que alimentam o mercado editorial. Por sua vez, aqueles que organizam e relatam suas memórias, garantem que estão produzindo "um retrato fiel" dos acontecimentos passados, que corresponde à verdade.

Não fica muito claro ao leitor em quais e quantos aspectos houve a intervenção do organizador, mas é óbvio que a divisão: 1. *Praga*; 2. *Terezín*;

3. *Auschwitz, Freiberg, Mauthausen, Praga* não foi previamente pensada por Helga. Livros sempre são organizados por capítulos e este também o é. Diários não podem, por definição, ser organizados por capítulos, pois aquele que o escreve nunca sabe se voltará a ele no dia seguinte e sobre o que comentará.

Diários, como gênero textual, costumam ter intervalos de silêncio, curtos ou longos. Seja porque há dificuldade de ordem emocional, de natureza política, seja porque não há nada novo que mereça ser registrado, o fato é que raramente encontram-se textos em que todos os dias são relatados.

Por isso, a hierarquização dos assuntos em *O Diário de Helga* só pode ocorrer posteriormente ao relato da memória, após ter sido narrado pela própria protagonista da história vivida. Como o livro é organizado obedecendo à sequência temporal e geográfica dos fatos vividos pela autora, preserva a tradição dos livros de história disponíveis no mercado editorial, especialmente dos didáticos.

Ainda assim, o organizador achou por bem marcar os grandes lapsos de tempo com um símbolo (algo parecido com ∞) e, os menores, com asterisco (*). Tenta-se, com esse recurso, garantir ao leitor uma mínima compreensão temporal dos fatos que, na versão original, não foram sequer datados ou numerados. Arquivada ao longo dos anos sem qualquer ordem, o organizador explicita que “a sequência original se perdeu” e que Helga preferiu agrupar suas anotações não mais segundo uma cronologia estrita, mas por tema (BERMEL, 2013, p. 11).

Esses intervalos temporais, que também podem ser entendidos como silêncios ou esquecimentos, permitem a preservação das ideias, a composição de um todo, ainda que escrito em fragmentos. Trata-se de uma visão anti-histórica, isto é, que não mais classifica os eventos por períodos do passado, mas de uma construção a partir do presente. A lembrança, afirma Halbwachs,

é em larga medida uma reconstrução do passado com ajuda de dados emprestados do presente e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora se manifestou já bem alterada (HALBWACHS, 1990, p. 71).

A própria Helga Weiss tem consciência dessa nova maneira de apresentar a história, ao valorizar suas experiências e recordações à medida que são lembrados, em detrimento de um método que ela supunha acadêmico: apresentar a história cronologicamente. Ela parece alinhar-se à teoria defendida por Maurice Halbwachs (1990), já comentada anteriormente: os fatos são atualizados à medida que são lembrados.

Ao preparar meu diário para publicação em forma de livro, não foi fácil colocar os acontecimentos em ordem cronológica. Se

não fui bem-sucedida, que meus leitores sejam tolerantes. Não sou historiadora e esta não é uma obra acadêmica. Minha prioridade, o mais fundamental para mim, eram os fatos e as experiências, e disso eu me recordo com bastante precisão até hoje (WEISS, 2013, p. 25).

O pedido de tolerância que a autora faz aos leitores pode parecer retórico, uma vez que esse texto, publicado a primeira vez em 2012, na Inglaterra e na Holanda,³ simultaneamente, já continha todos os elementos para se tornar um sucesso editorial imediato e internacional: trata de um evento mundialmente conhecido e sensível aos sobreviventes e às gerações seguintes; é um relato em primeira pessoa, que induz à crença na verdade; expõe as mazelas e o sofrimento extremos não só de uma criança, mas de todo um povo; recupera episódios da historiografia oficial sobre o nazismo na Europa Central, entre outros motivos. Ainda assim, Helga Weiss evoca a tolerância dos leitores por duas vezes: a primeira, na página 24 e, a segunda, na página 25, conforme citações registradas nesse texto.

O diário propriamente dito começa em Praga, em 1938, e descreve a ocupação da então Tchecoslováquia e as condições cada vez mais humilhantes pelos quais a comunidade passa a enfrentar: proibição de as crianças judias frequentarem escolas públicas, proibição de judeus serem empregados em cargos governamentais, proibição de judeus irem a bares, parques, cafeterias; obrigatoriedade de costurar estrelas amarelas nas roupas etc.

O livro termina em 1946, após o retorno de Helga a Praga, também em formato de diário. Apesar de ter sido escrito posteriormente aos eventos, ela continua usando o tempo presente e assim se justifica: “Eu ainda estava tão imersa naqueles acontecimentos que posso dizer que era como se eu escrevesse enquanto os vivia. Foi proposital: usei o tempo presente mesmo quando escrevi depois” (WEISS, 2013, p. 207).

Helga confirma as teorias de que o passado se torna presente quando a memória é reativada, não só pela escrita, mas também pela fala: “Porque enquanto falo, me vejo revivendo tudo, ainda estou naquilo. Então, ainda acontece no tempo presente, mesmo que seja o passado. E ainda é tão vívido quanto antes” (WEISS, 2013, p. 207).

A escolha do tempo verbal, que oscila entre o presente e o passado, é uma estratégia que permite à autora não só escolher a intensidade de seu envolvimento, mas também “formar um todo coeso” (WEISS, 2013, p. 206). Em Terezin, por exemplo, desenhou um acontecimento anterior à deportação; quando voltou para Praga, recém-libertada dos campos, escreveu acontecimentos dos anos finais da guerra. Cabe ao leitor acreditar que não

3 Intituladas, respectivamente, *Helga's Diary* e *Het begon met een ster*.

existe uma única verdade nos depoimentos dos que relatam suas memórias, mas também perceber que o tempo da memória nunca é o tempo real. É apenas o tempo da memória.

Talvez a memória infantil das ordens arianas racistas, como a obrigatoriedade de se costurarem estrelas de Davi amarelas em peças do vestuário dos judeus, seduza o leitor do século XXI, uma vez que os indícios, agora óbvios do genocídio que estava por vir, são amortecidos pelo olhar ingênuo da autora:

Na escola, comparamos qual estrela está mais bem costurada. Mesmo não sendo agradável usá-la, fazemos brincadeiras. Nós nos acostumamos a outras coisas; vamos nos acostumar com isso também. [...] É divertido encontrar outros judeus. Eles sempre sorriem, como se dissessem: "Ficam bem em nós, não fica?". Contamos quantas estrelas encontramos e competimos sobre quem acha mais. Falamos com alegria e rimos alto. Que os alemães vejam que não estamos incomodados. Deliberadamente, mantemos rostos alegres e nos forçamos a rir. Deliberadamente, para irritá-los... (WEISS, 2013, p. 39-40).

São histórias como essas que, talvez, garantam o sucesso do livro, apesar de se apresentar como um relato ingênuo de uma menina que ainda não sabia de todo o terror que estava por vir. Por sua vez, essa história é revista e reescrita mais de 50 anos depois, quando já se reconstituiu uma memória coletiva do holocausto e a própria menina-idosa, aparentemente ingênua no livro, sabe há muito tempo como se dera a sequência dos fatos e os significados de sua chegada a essa fase da vida.

As edições simultâneas no México (*El diario de Helga*, 2013), na Finlândia (*Helga Weiss: Helgan päiväkirja*, 2013), e na França, (*Le journal d'Helga*, 2013), além do Brasil, comprovam se tratar de um produto de grande aceitação e circulação na Europa e na América Latina.

Relatos sobre o holocausto costumam ter grande reverberação no mercado cultural, não só no dos livros. Produzem-se peças de teatro, filmes, documentários, exposições temáticas. *O Diário de Helga* mobilizou a tal ponto um determinado grupo social, que este propôs um novo produto, com uma nova "ritualidade", conceito elaborado por Martín-Barbero (2009) e assim explicado por Veneza Ronsini:

diferentes usos sociais dos meios e [...] diferentes trajetos de leitura. Esses últimos estão estreitamente associados à qualidade da educação, aos saberes constituídos em memória étnica, de classe ou de gênero, e aos costumes familiares de convivência com a cultura letrada, a oral ou a audiovisual (RONSINI, 2010, p.9).

O *Diário de Helga* virou peça de teatro na Universidade Federal da Paraíba, em 2 de dezembro de 2014.⁴ Isso quer dizer que o livro, recém-lançado no Brasil, foi logo adaptado para outro produto cultural, configurando o que Jesús Martín-Barbero (2004) denomina por “mediações comunicativas da cultura”, isto é, a comunicação como protagonista das relações sociais contemporâneas. Ou, em outras palavras, os novos usos sociais das mídias ocupando o lugar central e não mais os meios; a relação das pessoas com os meios de comunicação sendo mais centrais que os meios.

Assim se deram as marcas, indeléveis, da memória em *O Diário de Helga*, acrescidas pelo cuidadoso trabalho editorial de inserção dos desenhos feitos pela autora na mesma época em que redigia seu diário, pelas fotografias de família e de época. O livro não separou, de forma estanque, o trabalho da história e o da memória. Também não se trata de uma memória individual, a de Helga Weiss, mas, sim, de uma memória coletiva, uma vez que *O Diário de Helga* toca na privação de valores universais, como o direito à vida, à cidadania, a uma pátria, ao direito de ir e vir, a um lar.

As Meninas do Quarto 28

A produção de *As Meninas do Quarto 28* corresponde ao trabalho de memória a partir de conversas de oito mulheres que estiveram internadas no quarto 28, no Abrigo para Meninas L410, no campo de Terezin, na então Tchecoslováquia, que acomodava cerca de 75 mil pessoas provenientes do judaico “Protetorado da Boêmia e Morávia”. Estigmatizadas por sua origem, quando da invasão do exército de Hitler no país, cerca de 30 crianças foram obrigadas a conviver em um abrigo com cerca de 30 m². Era um grupo instável: subitamente algumas eram transportadas para outros locais e, as que permaneciam, mal sabiam o destino de suas companheiras de quarto. Enquanto algumas partiam, outras sempre chegavam. Foi assim que as sobreviventes passaram os anos de 1942 a 1944. Atualmente, são mulheres com mais de 70 anos, que sobreviveram porque não chegaram a tomar o trem para Auschwitz.

Após 50 anos, em 1991, reencontraram-se num hotel em uma localidade tcheca chamada Montanha dos Gigantes. Vieram de “todos os cantos do mundo”: Israel, América, Rússia, Inglaterra, Suécia, Alemanha, Áustria, República Tcheca. Desse encontro, surgiu a ideia e a possibilidade de criarem o Projeto *Room 28*.

Em 1996, Hannelore Brenner, estudiosa da filosofia alemã e das artes

⁴ Sobre essa apresentação acessar: <http://www.ufpb.br/content/mulheres-encenam-vida-de-menina-judia-que-sobreviveu-ao-holocausto>.

cênicas, ao se dedicar a uma pesquisa para uma reportagem de rádio sobre a ópera infantil *Brundibár*, de Hans Krása, conheceu essas mulheres. Foi então que apoiou a "causa": "criar uma espécie de memorial para as crianças do campo de concentração de Terezienstadt", de 1998 a 2004 (BRENNER, 2014, p. 20). Juntas, Hannelore e as sobreviventes passaram a desenvolver esse projeto de memórias, intitulado *Room 28*, que deveria contar a história das crianças internadas nesses campos, como elas próprias. Assim nasceu a Associação *Room 28 e.V* que, em 2004, originou o livro *As Meninas do Quarto 28*, em alemão. Traduzido por Renate Müller, a edição brasileira veio a público em 2014, pela editora LeYa.

Terezin, por ser um campo de concentração e de trabalho, acabou confinando boa parte da intelectualidade tcheca. Havia, entre os presos, artistas, arte-educadores, médicos, cientistas, maestros, compositores, dramaturgos etc., que, de alguma forma, conseguiram aliviar, por meio da cultura, o duro cotidiano dos trabalhos forçados. Muitos desses intelectuais, embora fosse proibido, impuseram-se a missão de ensinar, ao maior número possível de crianças, filosofia, letras, ciências, música, artes visuais etc.

A música, em particular, alcançou grande repercussão entre os internos, especialmente após o êxito da montagem da ópera *Brundibár*, interpretada pelas crianças.

É a vitória do bem sobre o mal (encarnado em *Brundibár*) e teve um *décor* e uma *mise en scène* das mais caprichadas. A ópera foi representada 55 vezes e se encerrava com as palavras: 'Aquele que ama a justiça, que lhe permanece fiel e não tem medo, é nosso amigo e pode vir brincar conosco' (BOSI, 2003, p. 101).

Talvez *Brundibár* estivesse mesmo certo e seu canto, tantas vezes repetido, permitiu que o bem superasse o mal não mais com crianças, mas com as mesmas sobreviventes, muitos anos mais tarde. Ainda que envelhecidas, Helga Weiss e as oito sobreviventes dos campos, diferentemente da mítica Penélope, teceram o fio da memória e fizeram a justiça possível.

Além do livro, a iniciativa de uma sobrinha-neta, brasileira, de uma das meninas que viveu no quarto 28, trouxe a exposição *As Meninas do Quarto 28, L410, Terezienstadt*, para São Paulo, no Museu Brasileiro de Escultura (MuBe). Cerca de 35 desenhos, de fragmentos costurados da bandeira retalhada entre as meninas antes de serem separadas, na esperança de ela ser recomposta se sobrevivessem, além de uma réplica do quarto, compuseram os itens mais importantes desse evento, que também contou com a venda do livro homônimo. Ou seja: o livro, uma mídia, inspirou outro produto midiático, a exposição, que retroalimentou o primeiro, lógica típica do capital, ainda que

os produtos em circulação sejam bens culturais e não de consumo efêmero. Hannelore Brenner assume-se, também, como a narradora das histórias de vida dessas mulheres:

Naquela época [quando começaram os trabalhos juntas em 1998] e durante os anos que se seguiram e nos quais o encontro ocorria na mesma época do ano e no mesmo local, fui testemunha e participei de um trabalho de recordação que ficava cada vez mais intenso e vívido. [...] Também fui envolvida por essa conscientização e fui arrebatada para o centro de uma história que até hoje não me deixou (BRENNER, 2014, p. 20).

Tal relato nos faz compreender que a figura de Brenner é mais que de uma narradora em terceira pessoa. Ela cumpre o papel de mediadora das mulheres, suas histórias e os leitores, pois participou da produção do livro também como pesquisadora e autora, mas, sobretudo, como a pessoa que intermedeia o processo de construção das memórias. Talvez isso explique a importância que o prólogo tem nessa edição, no qual ela narra sua experiência entre as mulheres, o que viveu durante a realização dessa obra. Dessa forma, como no livro de Helga Weiss, a construção da memória também se dá no presente da narrativa ou da produção do livro, no momento em que a autora e as mulheres estão reunidas para lembrarem e contarem suas experiências daquele tempo. Nesse caso, a construção da memória se dá entre todas elas.

Esse livro, bem como *O Diário de Helga*, parece partir de um desafio, cujas regras são lembrar de não esquecer e a vontade de esquecer de lembrar. O propósito de escrevê-los e, sobretudo, de publicá-los, não é apenas do mercado editorial que viu nesse produto suas possibilidades rentáveis. Pelos textos do prólogo, editados com o livro, pode-se bem compreender como se dera a confecção dessa edição. A autora do livro escreve as palavras que ouviu de Judith Rosenzweig, uma das sobreviventes:

Você convive com o passado a cada dia, sem pensar e sem estar consciente dele. Mas, de repente, algo acontece. Geralmente ocorre algo inesperado. Uma observação, uma determinada comida, uma flor tal como o dente de leão, datas comemorativas, qualquer coisa – e, inesperadamente, tudo está de volta. Mas somente fragmentos, as lembranças não vêm todas de uma vez (ROSENZWEIG *apud* BRENNER, 2014, p. 28).

Essas frases estão sob o título “A presença do passado”, quando tem a intenção de levar seu leitor a compreender os motivos que justificam a confecção: “Esse é um desejo compreensível: a vontade de esquecer” (BRENNER, 2014, p. 28).

Segundo Beatriz Sarlo (2007, p. 10-11), o passado é sempre conflitivo.

Não se convoca o passado simplesmente por um ato de vontade. E, regressar ao passado nem sempre é um momento libertador das lembranças. Às vezes, é uma advertência, uma captura do presente. A autora quer dizer que, muitas vezes, recordamos simplesmente, porque a lembrança é um ponto, é soberana e incontornável. As lembranças vêm não se sabe de onde e nos obriga a uma perseguição, que nunca se completa. Assim, o passado se faz presente. A recordação necessita do presente porque esse é o tempo próprio da lembrança. Eis o que Hannelore queria dizer: o passado lhes é presente e o presente as remete ao passado. As visões do passado são construções e sua irrupção no presente é compreensível à medida que se organiza mediante procedimentos da narrativa. Do passado, falamos sem suspender o presente e, muitas vezes, evocando o futuro. Se recorda e se narra o passado por meio de algum tipo de relato (SARLO, 2007, p. 13). Parece que foi desse modo que se deu o processo de constituição do livro de memórias das meninas do quarto 28. Recordavam porque jamais esqueceram. Juntas, não precisavam evocar as lembranças que chegavam desavisadas, nas conversas, nas danças, nos passeios, exercitavam o relato oral e, intermediadas por Brenner, transformaram suas falas nas narrativas desse livro.

As meninas do Quarto 28 também se constitui a partir de um diário de uma menina Helga: o diário de Helga Pollak, nome de solteira, austríaca, também escrito durante sua permanência em Terezín:

As narrativas de Helga [por meio de seu diário] despertaram coisas há muito esquecidas. Pessoas e acontecimentos subitamente estavam novamente (sic) vivos diante dos olhos das sobreviventes. Fragmentos de memória encaixavam-se a outros fragmentos de memórias, formando uma imagem, uma cena (BRENNER, 2014, p. 30).

A preocupação com a verdade dos fatos recuperados nas lembranças das pessoas parece ainda permanecer como uma necessidade e promove uma busca pela afirmação de veracidade. Esse anseio social ainda se faz presente e as obras lançadas e aqui analisadas ratificam essa preocupação. No caso de *As meninas do quarto 28*, a preocupação com a verdade é expressa pela autora quando descreve seu processo de pesquisa e de seu encontro com o diário de Helga. Brenner depara-se com um documento escrito. E “documento” é o próprio termo que ela utiliza em sua redação:

[...] o diário de Helga e o caderno de recordações de Flaska são evidências de que a memória das sobreviventes não é enganosa; estes documentos também mostram que, a despeito do pesadelo representado pelo passado, este também esconde algo capaz de explicar o sentimento de gratidão (BRENNER, 2014, p. 31).

É o documento que acalma Brenner em seu temor de ser traída pelas lembranças das mulheres enquanto narram suas histórias naqueles encontros anuais.

O que Hannelore talvez não tenha se dado conta, e nem mesmo o mercado editorial no qual esse livro se insere, é que, como nos adverte Ecléa Bosi, não podemos crer que “as testemunhas orais sejam sempre mais “autênticas” que a versão oficial” ou que as versões escritas. Para Bosi, há uma “força da memória coletiva, trabalhada pela ideologia, sobre a memória individual do recordador” (BOSI, 2003, p. 17).

No caso da nossa análise parece-nos que autores e editores de livros sobre a memória do holocausto partilham de uma memória coletiva de que não se pode contar senão a verdade. É como a missão das sobreviventes: lembrar para não esquecer, narrar a verdade dos fatos para reverenciar os mortos e reparar os erros da humanidade.

No entanto, lembramos aqui uma advertência de Todorov (2002, p. 155), de que a memória coletiva nada mais é que “um discurso que evolui no espaço público. Esse discurso reflete a imagem que uma sociedade ou um grupo dentro da sociedade querem dar de si mesmos”.

Hannelore Brenner e as “meninas-senhoras”, sobreviventes do quarto 28, não precisaram se preocupar com a verdade dos fatos quando decidiram empreender seu “projeto de memória”. Ainda como nos ensina Bosi:

A memória opera com grande liberdade, escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo, não arbitrariamente, mas porque se relacionam através de índices comuns. São configurações mais intensas quando sobre elas incide o brilho de um significado coletivo (BOSI, 2003, p. 31).

No entanto, mais uma vez, recorreremos a Todorov, ao considerar que o termo “verdade” pode ser novamente útil:

desde que lhe seja dado um novo sentido: não mais uma verdade de *adequação*, de correspondência exata entre o discurso presente e os fatos passados (...), mas uma verdade de *elucidação*, que permite apreender o sentido de um acontecimento. (...). Contudo, não se conseguiria medir da mesma maneira essa nova forma de verdade. O estabelecimento dos fatos pode ser definitivo, ao passo que a significação deles é construída pelo sujeito do discurso e, portanto, suscetível de mudar (TODOROV, 2002, p. 144-145).

É a verdade como elucidação o que buscam aqueles que contam suas histórias de vida de forma “fiel” aos acontecimentos ou que atestam “ter sido isso mesmo” o que aconteceu. Mesmo que os limites entre realidade e ficção sejam muito estreitos nos relatos de memória, o que irrompe na narrativa é

o vivido, é o testemunho, narrado pelos modos subjetivos do narrador, diante das suas construções de sentido. “A construção do sentido tem objetivo compreender o passado; e querer compreender – tanto o passado como o presente – é próprio do homem” (TODOROV, 2002, p. 145).

Para Flaska [apelido de Anna Hanusová, uma das meninas do quarto 28, sobrevivente], o caderno de recordação é mais do que uma lembrança. É uma missão. A missão de manter viva a lembrança das meninas assassinadas é a sua responsabilidade pessoal (BRENNER, 2014, p. 18).

Assim, elucidar a verdade e dar sentido à sua existência parece ter sido a missão das mulheres narradoras. Reparação e sobrevivência foi a função da memória nesse projeto *Room 28*. Manter vivo foi o lema.

Com a nossa contribuição, pretendemos fazer com que nunca mais ocorra algo semelhante ao que vivenciamos. Também gostaríamos que valores humanos, que foram tão importantes para nós e que ainda o são, permaneçam vivos: sentimentos de humanidade, educação e cultura, compaixão, coragem, civilidade e tolerância (HANUSOVÁ e POLLAK, em nome das sobreviventes do Quarto 28. In: BRENNER, 2014, p. 14)

Para que nunca mais as atrocidades ocorram: são esses, normalmente, os votos das pessoas que corajosamente relatam experiências dolorosas em suas memórias, como as terríveis experiências dos sobreviventes do holocausto. Que o movimento pessoal de cada um se justifique dessa forma é bastante louvável e compreensível. Mas, o que perseguimos nesse texto foi refletir sobre o papel desempenhado por dois livros específicos, cujos editores funcionaram como mediadores entre suas editoras, seus leitores e protagonistas. Mais ainda: que explicitaram as opções que permitiram materializar, em texto organizado, registros orais e manuscritos esparsos das vítimas, agora tornadas autoras.

Percebemos que essas duas obras cumprem um papel muito mais amplo que meramente tornarem-se produtos consumíveis no mercado de bens simbólicos. *As meninas do quarto 28*, incluindo aqui *O Diário de Helga*, utilizam-se da possibilidade comunicativa das memórias das sobreviventes. Narrando de si mesmas, reconstituem suas identidades. Crentes na missão de reparação, na intenção de fazer reviver os que pereceram, sentem-se privilegiadas e aceitam tornar público e transformar em produtos midiáticos a exposição de suas identidades.

Considerações Finais

O mercado editorial publica diários, livros de memória e biografias:

relatos escritos a partir das histórias das pessoas. O que parece ser novo nesse processo é a integração de biografias e autobiografias, ou seja, a relação parceira que se dá entre o relato pessoal, em primeira pessoa, pelo próprio protagonista da história, e a intervenção de um narrador, terceira pessoa, que intermedeia a história, organiza o texto, interage na história e a escreve como sua.

Em ambas as obras há reproduções de desenhos, do relato autobiográfico e do texto de um terceiro, o narrador. As duas narrativas se entrelaçam numa conjugação entre a vontade de reconstituição do passado e do vivido, entre a reelaboração e reconstrução da memória no presente e a intersecção de diferentes histórias: as do presente (momento dos narradores contando a história) e as do passado (as lembranças do vivido de cada um deles e do processo de constituição dessas memórias).

O que esses dois livros parecem nos anunciar é que o mercado editorial, no Brasil, mas não somente, tem se preocupado com novas formas de memória. Não apenas publicar livros indeléveis, originários de diários ou autobiografias, ou separadamente biografias escritas pelo sujeito fora daquela história. Mas uma imbricação entre memória, mídia e sujeitos narradores, sendo que ora as mídias, ora os sujeitos, vão cumprindo papéis de mediadores na constituição de histórias do mundo e das pessoas.

Observamos que os produtos midiáticos aqui analisados não são apenas bens simbólicos, que circulam sob as regras do capital; são também suportes da memória que permitem aos seus protagonistas que se reconstituam, se redimam, perdoem e compreendam. E permaneçam, enquanto houver quem ouça, escreva, leia e, principalmente, quem conte.

Referências:

ALVES, Marialva. "Meios de comunicação e história: um universo de possíveis". In: GOULART, Ana Paula e FERREIRA, Lúcia Maria Alves. **Mídia e memória; a produção de sentidos nos meios de comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**. Ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BENJAMIM, Walter. A imagem de Proust. In: _____. **Magia e Técnica, Arte e Política**. Obras Escolhidas I. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERMEL, Neil. Nota do Organizador. In: WEISS, Helga. **O Diário de Helga**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013.

BRENNER, Hannelore. **As meninas do quarto 28**. São Paulo, LeYa, 2014.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória. Ensaios de Psicologia Social.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2003

DARNTON, Robert. **A questão dos livros.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DORIGATTI, Bruno. Lima Barreto, entre o hospício e o cemitério. Resenha publicada pela **Saraiva Conteúdo**, 27/09/2019. Disponível em: <http://www.saraivaconteudo.com.br/Materias/Post/10423>. Acesso em: 09/10/2015.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Ed. Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.

LE GOFF, Jacques. **Memória e História.** Campinas: Ed. Unicamp, 2003.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

_____. **Ofício de cartógrafo.** São Paulo: Loyola, 2004.

ORICCHIO, Luiz Zanin. "Linklater e sua visão do tempo reencontrado". In: **O Estado de S. Paulo**, 30 out.2014. Caderno 2. C.12.

PEREIRA, Marcelo de Andrade. **Nos descaminhos da memória: Benjamin leitor de Proust.** Graphos. João Pessoa, v. 9, n. 2, 2007. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/view/4664/3528>. Acesso: 15 fev. 2015.

RONSINI, Veneza. V. Mayora. **A perspectiva das mediações de Jesús Martín-Barbero (ou como sujar as mãos na cozinha da pesquisa empírica).** Disponível em: http://compos.com.puc-rio.br/media/gt12_veneza_ronsini.pdf Acesso: 17 fev 2015.

SARLO, Beatriz. **Tiempo pasado. Cultura de la memoria y giro subjetivo.** Una discusión. São Paulo, Cia das Letras, 2007.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **História, memória, literatura: o testemunho na Era das Catástrofes.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

TODOROV, Tzvetan. **Memória do mal, tentação do bem.** (Trad. Joana Angélica D'Ávila Melo). São Paulo: Arx, 2002.

WEISS, Helga. **O Diário de Helga.** Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013.